O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 21 | Nº 63 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.15200692

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

SÍRIA PÓS-BASHAR AL-ASSAD:
O FIM DE UM REGIME E UM FUTURO DE INCERTEZAS

Vinicius Modolo Teixeira[1]

Kárita de Fátima Araújo[2]

Resumo

Dentre os países afetados pela Primavera Árabe (2010–2012), a Síria destacou-se como o mais devastado em termos humanos e territoriais. Desde o início dos protestos no país, os movimentos contra o governo de Bashar Al-Assad resultaram em uma guerra civil sangrenta, que gerou uma crise de refugiados sem precedentes. Em dezembro de 2024, após 13 anos de conflito, o regime sírio foi finalmente deposto, o que pode ser considerado um marco que reconfigura o equilíbrio de poder regional, abrindo uma série de questionamentos sobre os efeitos desse fato no Oriente Médio e os realinhamentos que ele causará. Esse texto tem como objetivo explorar essas questões e apontar as possíveis consequências para a Síria, o seu entorno e também para a Geopolítica a nível global. Utilizando-se de autores relevantes sobre o tema, nos apoiamos na coleta de informações oriundas de mídias e institutos de pesquisa para sustentar nossa análise. Como conclusões, apontamos que a queda de Bashar Al-Assad, visto como uma vitória ocidental, pode resultar em uma Síria fragmentada, a aceleração de posturas agressivas por parte do Irã e uma maior aproximação desse país com potências orientais.

Palavras-chave: Al-Assad; Fragmentação; Geopolítica; Intervenção Estrangeira; Síria.

Abstract

Among the countries affected by the Arab Spring (2010-2012), Syria stood out as the most devastated in human and territorial terms. From the start of protests in the country, the movements against Bashar al-Assad's government resulted in a bloody civil war, which generated an unprecedented refugee crisis. In December 2024, after 13 years of conflict, the Syrian regime was finally deposed, which may be considered a milestone that reconfigures the regional power balance, opening a series of questions about the effects of this fact on the Middle East and the realignments it will cause. This text aims to explore these questions and point out the possible consequences for Syria, its surroundings, and also for global geopolitics. Using relevant authors on the subject, we rely on information collected from media and research institutes to support our analysis. As conclusions, we point out that the fall of Bashar al-Assad, seen as a Western victory, may result in a fragmented Syria, the acceleration of aggressive postures by Iran, and a closer alignment of this country with Eastern powers.

Keywords: Al-Assad; Foreign Intervention; Fragmentation; Geopolitics; Syria.

[1]Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: falecomovinas@gmail.com

[2]Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: karitafaraujo@hotmail.com

SÍRIA PÓS-BASHAR AL-ASSAD: O FIM DE UM REGIME E UM FUTURO DE INCERTEZAS

Os últimos dias de 2024 apresentaram ao mundo o suposto desfecho do conflito civil sírio, após quase uma década e meia de avanços e recuos de grupos rebeldes e forças estatais, nos quais o envolvimento declarado, ou não, de vários outros países ficou amplamente evidente. Nesse momento, em 8 de dezembro, após alguns dias de intensificação dos combates, depois de um longo momento de estagnação, a tomada da capital por um dos grupos de oposição levou à repentina fuga de Bashar Al-Assad de Damasco, pondo fim ao regime sírio. Tal fato foi prontamente comemorado por setores conservadores da mídia ocidental, não pelo que isso representava ao futuro do povo sírio, mas pelo seu significado político e estratégico ao eixo representado pelo Atlântico Norte e seus aliados imediatos na região.

O que vem sendo chamada como "ofensiva relâmpago" que levou à derrubada do regime sírio não pode ser encarado como completa surpresa, já que ocorre em momento em que questões internacionais se alinharam para propiciar as condições necessárias para esse resultado. Em primeiro lugar, a região se vê envolvida nas maiores operações israelenses desde 1982, com ataques massivos contra a Faixa de Gaza e ao sul do Líbano, visando liquidar as forças do Hamas e Hezbollah, respectivamente. Nesse sentido, a queda de Bashar al-Assad interessaria diretamente ao governo de Tel Aviv, já que o mesmo se alinhava a inimigos de Israel, como os grupos citados e o Irã; Em segundo, o evento ocorre logo após as eleições dos EUA e há pouco mais de um mês da troca de mandatários, onde o então presidente e desistente do pleito, Joe Biden, democrata, iria ser sucedido por Donald Trump, do partido republicano. Esse interim se apresentou propício para o lançamento de "*covert operations*", com a possibilidade de uso desses artifícios militares sem que isso levasse a prejuízos às imagens tanto do governo em comando, quanto do que viria a assumir; Terceiro, a Rússia, aliada mais próximo de Assad, prestes a entrar no quarto ano de seu conflito com a Ucrânia, não estava em condições de socorrer seu regime mais uma vez. Seu contingente de tropas mantido na Síria, pode apenas realizar demonstrações de força limitadas, as quais se mostraram totalmente ineficazes para salvar o regime aliado em seu momento final.

As origens profundas dos fatos de dezembro de 2024 têm seu início nos movimentos que ficaram conhecidos como "Primavera Árabe", surgidos na Tunísia no final do ano de 2010 e logo difundidos para os países vizinhos. Essas manifestações, incialmente identificadas como protestos contra a "corrupção" e outras questões que pareciam há muito represadas entre os populares, deram início a movimentos de grandes proporções que se estenderam para países do norte da África e Oriente Médio. Tais protestos, segundo aponta Korybko (2018), somente se viabilizaram por meio das plataformas

Google Maps, *YouTube*, *Facebook* e *Twitter* (atualmente chamada de "X"), as quais, ainda em seus anos iniciais, propiciaram formas inovadoras de contato entre grupos de pessoas. Essas redes sociais, juntamente com seus algoritmos, transformaram-se nas principais fontes de informação, reivindicações e divulgação dos atos desses grupos, tornando-se instrumentos essenciais do que o autor classifica como "Guerra Híbrida".

A despeito das intenções de promover "liberdade" e "democracia" para países historicamente dotados de governos não alinhados com modelos ocidentais de representatividade, o que se viu após a derrubada de governos como da Líbia e Iêmen foi a desintegração das organizações estatais e uma guerra civil que ainda persiste em ambos. A guerra na Líbia, uma das mais violentas originadas pelos protestos, relegou o país a uma disputa tribal, dividindo-o em zonas de influência de grupos apoiados por diversos países e interesses alheios aos líbios. Enquanto isso, no Iêmen, o governo deposto deu lugar a um novo regime liderado pelos Houthis, grupo de origem Xiita, que ocasionou, como reação, uma intervenção militar liderada pela Arábia Saudita e a radicalização do país.

Ao chegar à Síria, a onda de protestos desencadeou uma forte repressão do governo Assad, se transformando em uma violenta guerra civil. Tal como na Líbia, os combates levaram a uma onda de refugiados que se direcionaram por terra e mar para a estabilidade dos países da Europa ocidental, ocasionando uma das piores e mais catastróficas ondas migratórias das últimas décadas.

No entanto, diferentemente do que foi propagado pela mídia, os grupos rebeldes que se envolveram na luta contra os governos, tanto na Líbia e, com mais intensidade e por mais de uma década, na Síria, não podem ser considerados como meros populares que insatisfeitos com as políticas autoritárias de seus governos se rebelaram, pegaram em armas e, de maneira bastante organizada, passaram a disputar o poder nesses países. Os combates que se seguiram entre esses grupos e as forças regulares da Líbia e da Síria revelaram que a perícia em armas demonstrada por esses "rebeldes", o assalto a arsenais dos exércitos e a utilização de armas ocidentais, não pode ser considerado um fato casual ou tampouco natural. É necessário salientar que, por mais revoltosos que estivessem os populares, isso não os concedeu expertise para o manuseio de armas como canhões antiaéreos, veículos blindados ou mesmo modernos sistemas de mísseis.

Com o avanço dos combates, inúmeros vídeos de rebeldes operando esses sistemas contra tropas do governo passaram a ser divulgados em canais das plataformas mencionadas, como prova de seu sucesso e propaganda contra os "regimes opressores". Na Síria, dentre os armamentos que faziam parte dos ataques amplamente divulgados, estava um em específico: os mísseis TOW (*Tube-launched, Optically tracked, Wire-guided*). Tais mísseis são destinados ao combate de veículos blindados, são armas com mais de 3000m de alcance e também podem ser empregados contra construções ou grupos de

tropas, capazes de causar prejuízos significativos contra alvos desprotegidos. Esses armamentos, fabricados pela empresa estadunidense *Raytheon*, não são de fácil operação e se tornaram comuns nas mãos de rebeldes. O que queremos apontar é que esses grupos de oposição receberam treinamento específico para sua utilização e também eram compostos por mercenários financiados por governos estrangeiros, muitos dos quais haviam atuado nas revoltas da Líbia.

O acesso dos rebeldes sírios a esses mísseis não é um segredo, já que eles foram repassados por aliados dos EUA em grande quantidade (BENDER, 2015). Segundo a plataforma *Arms Transfers Database* do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI, 2025) entre os anos de 2011 e 2018, somente a Arábia Saudita comprou mais de 18 mil desses mísseis, usados tanto em sua intervenção no Iêmen, quanto para fornecer aos grupos de oposição na Síria. Além disso, ainda segundo o SIPRI (2025), mais 2800 mísseis 9M111 *Fagot*, homólogos ao tipo estadunidense, foram comprados de antigos estoques da Bulgária pelos Sauditas e EUA para serem entregues aos rebeldes sírios.

Em contrapartida, a Rússia agiu em prol do regime de Bashar al-Assad e a defesa de sua posição no Oriente Médio. A partir de 2015, Vladimir Putin lançou a maior operação militar fora de suas fronteiras, desde que a URSS realizou a incursão no Afeganistão, nos anos 1980, sinalizando uma nova postura da Rússia frente a geopolítica global. Dessa forma, a Síria, tal como a Ucrânia, foi lançada no centro do jogo geopolítico e dos interesses das grandes Organizações de Cooperação em Defesa na segunda década do século XXI (TEIXEIRA, 2020). Como característica comum, ambos países se localizam entre os territórios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da Organização de Cooperação de Xangai (OCX) e da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC). Assim, suas posições no mapa, somada aos pressupostos clássicos da geopolítica de origem *mackinderiana*, são pontos chave para se compreender a condição e os conflitos em que se envolveram nos últimos anos.

Do ponto de vista operativo, ou seja, como essas organizações procederam para atingir seus objetivos, podemos, pelo lado ocidental, apontar Gene Sharp como um dos teóricos que traçaram os caminhos a serem percorridos pelos movimentos que varreram o Oriente Médio e a Europa, por meio das "Revoluções Coloridas" e as consequentes mudanças de regime que elas efetivaram. Seu livro, "*From Dictatorship to Democracy: a conceptual framework for liberation"*, publicado em 1993 e traduzido para mais de 30 idiomas, foi amplamente distribuído pelo mundo, tornando-se um manual para as diversas operações de "*regime change*" ocorridas nas duas primeiras décadas deste século, sendo utilizada em países europeus, africanos e do Oriente Médio para deposição de governos de oposição ao ocidente.

Outro autor relevante para compreendermos os interesses que recaem sobre essa região é Zbigniew Brzezinski. Em *" The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives"*, de 1997, Brzezinski apontou que a Síria, como outros Estados pós-coloniais do Oriente Médio, era vulnerável a colapsos internos devido a divisões étnico-religiosas e à interferência de potências externas (BRZEZINSKI, 1997). Tal perspectiva é continuada em outra publicação mais recente, o livro "*Strategic Vision: America and the Crisis of Global Power*", de 2012. Embora o livro não dedique um capítulo exclusivo à Síria, já com a Primavera Árabe em curso, ele menciona o país como parte de uma região crítica, no contexto dos desafios geopolíticos dos EUA e da instabilidade no Oriente Médio (BRZEZINSKI, 2012).

Todo esse grande jogo, seus participantes e objetivos, foram detalhados por Luiz Alberto Moniz Bandeira em seu livro de 2013, "A Segunda Guerra Fria". Apesar de contar com mais de uma década desde sua publicação, o livro se apresenta surpreendentemente atualizado e valioso para a interpretação dos fatos recentes. O autor expõe de maneira clara os intricados interesses que recaem sobre a região do Oriente Médio onde se localiza Síria, bem como, sua posição entre os *players*.

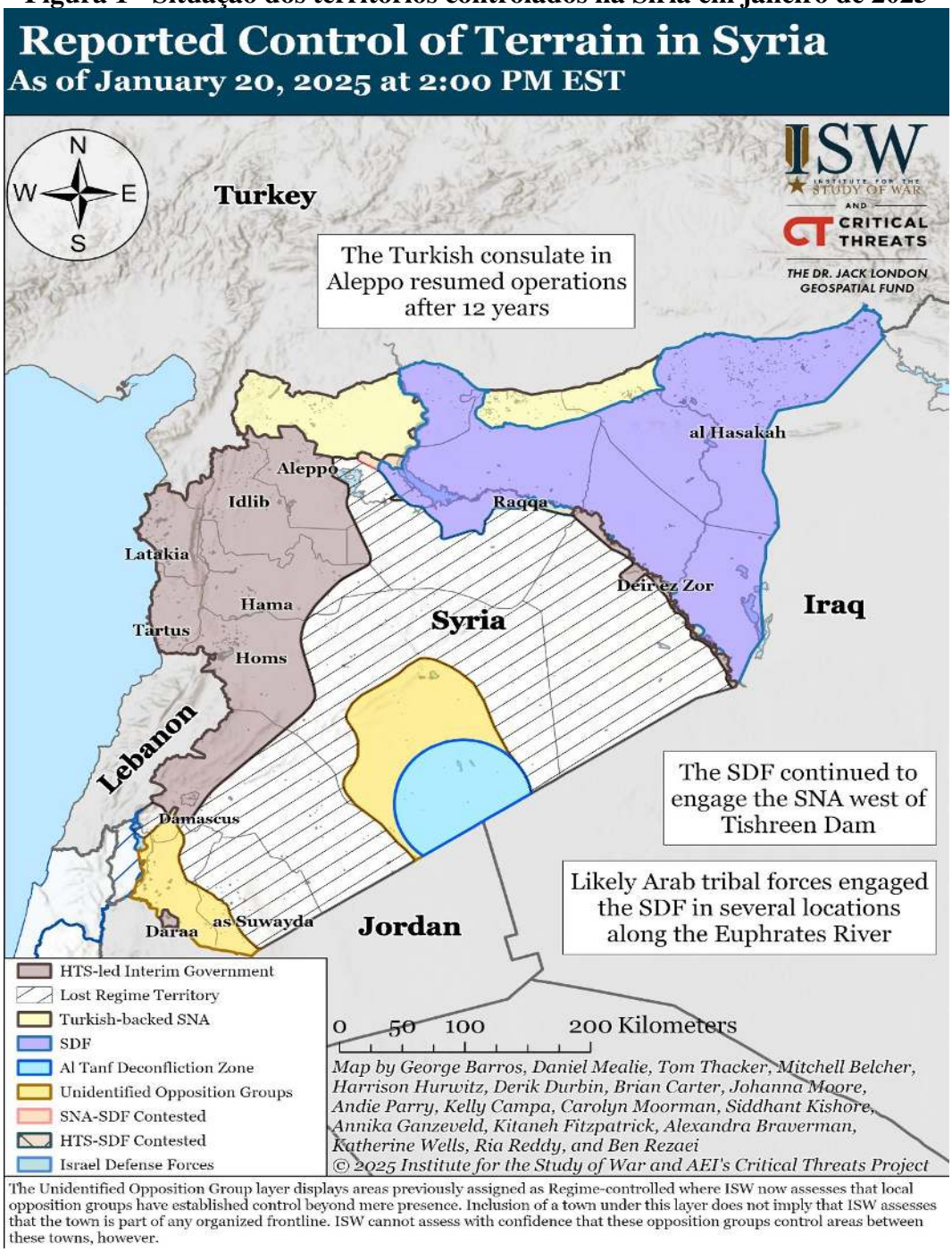
É pertinente lembrar que as mudanças de regime experimentadas nesses últimos anos, justificadas como lutas contra governos autoritários e busca por modelos democráticos ocidentais somente atingiram países que, coincidentemente, eram considerados impertinentes, insubmissos ou não alinhados aos interesses dos EUA e de seus aliados.

Com a derrubada do governo de Bashar al-Assad e a retirada do partido Baath do poder após seis décadas, o território do país foi dividido entre os vários grupos que disputaram o país nessa última década e meia. Em dezembro, logo após a queda de Assad, o controle das principais cidades a oeste, portos no mediterrâneo e da capital, Damasco, caíram sob o domínio da Organização da Libertação do Levante (*Hayat Tahrir al-Sham* – HTS), que se autoproclamou a liderança da Síria e foi reconhecido por alguns países. Enquanto isso, as Forças Democráticas Sírias (Syrian Democratic Forces – SDF), majoritariamente curda, detém o maior território da Síria em área, dominando o nordeste do país e está em disputa com o Exército Nacional Sírio o (Syrian National Army – SNA), o qual domina áreas da fronteira com a Turquia, criando uma zona tampão apoiada pelo governo turco (ISW, 2025a).

Além das forças anteriormente identificadas, nações estrangeiras e outros grupos obscuros também disputam áreas do território Sírio. As tropas russas, que desde a Guerra Fria mantinham o porto de Tartous como base de apoio à sua marinha, e desde 2015 operavam com um contingente em apoio às forças leais à Assad, iniciaram a desmobilização de suas tropas, negociada junto ao HTS. Em outra região, forças israelenses ultrapassaram os limites das áreas contestadas das Colinas de Golã, chegando próximas a Damasco. Já os EUA, que mantinham desde 2016 uma zona de

ocupação a partir da base de Al-Tanf, junto à fronteira com Jordânia e Iraque, e onde, coincidentemente, localizam-se as poucas fontes de petróleo sírio, iniciaram o apoio a grupos não identificados de modo a controlar as regiões não mais contestadas pelas forças do regime deposto. As posições desses grupos e forças estrangeiras no interior do território sírio no mês de janeiro, pouco mais de um mês após a deposição de Al-Assad, podem ser observadas através do sítio do *Institute for the Study of War* (ISW), o qual fornece informações como as do Figura 1, abaixo.

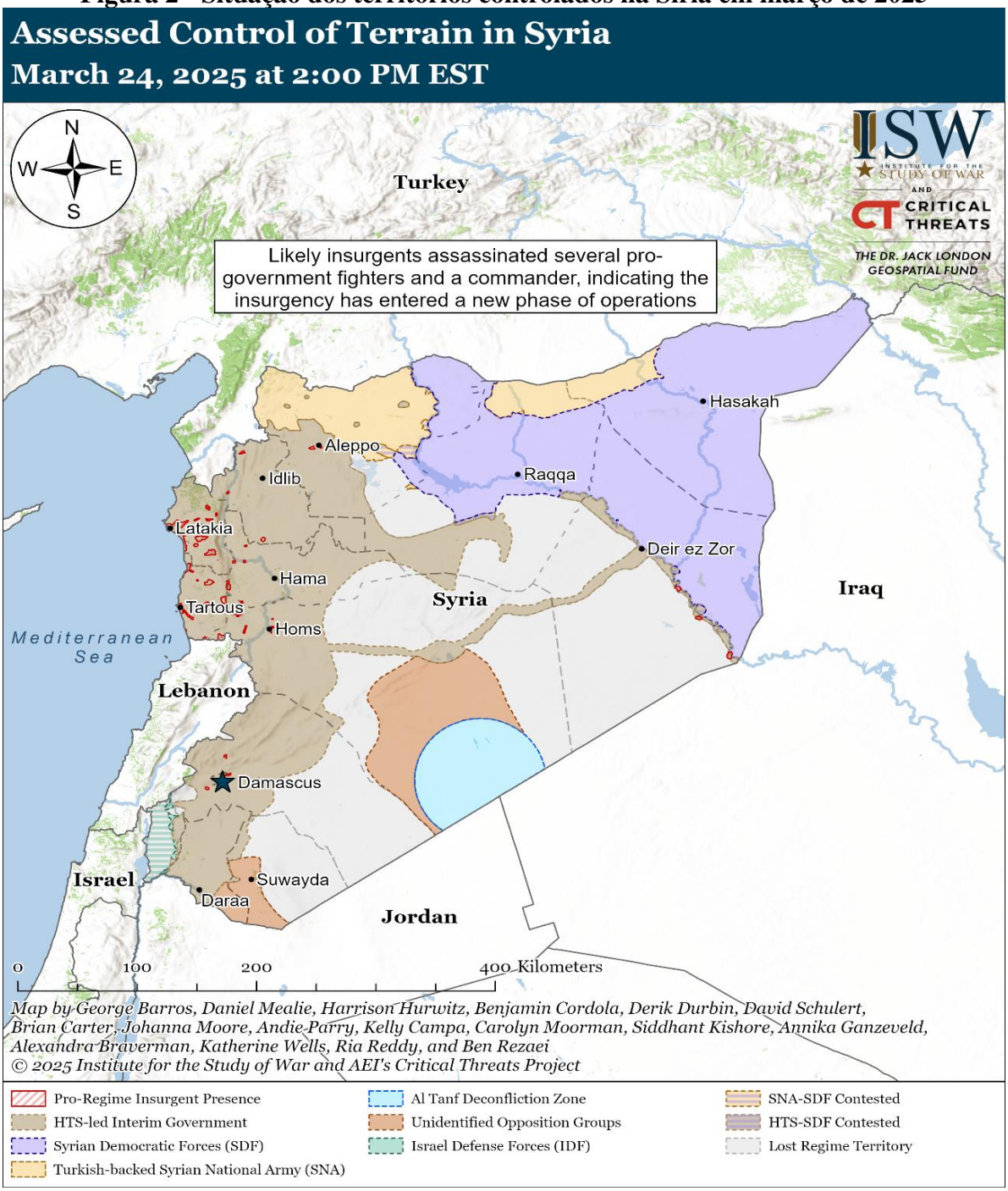
Figura 1 - Situação dos territórios controlados na Síria em janeiro de 2025



Fonte: ISW (2025a).

Passados quatro meses da derrocada de Bashar Al-Assad, a Síria ainda permanece dividida e sofrendo com as disputas dos grupos citados. Em comparação com os territórios controlados em janeiro, ao analisarmos a situação no mês de março, podemos apontar que apenas o grupo HTS conseguiu ganhos significativos de território, passando a controlar uma importante rodovia de ligação Oeste-Leste e a margem esquerda do Rio Eufrates, barrando o avanço das forças da SDF que dominam a margem oposta. Tais posições, de março de 2025, podem ser visualizadas no Figura 2, abaixo:

Figura 2 - Situação dos territórios controlados na Síria em março de 2025



Fonte: ISW (2025b).

O controle da maior e mais importante parte do país, onde se localizam as principais cidades e zona portuária da Síria, garantem ao HTS, até o momento, a relativa legitimidade para se postar como os representantes do que chamam governo de transição e que vem mantendo relações com outros países que os reconhecem. No entanto, nos territórios alegadamente sob seus domínios não estão totalmente pacificados, já que relatados de grupos ligados ao antigo governo e outros que oferecem resistência ao HTS tem se enfrentado em algumas cidades. É nesse contexto que em março de 2025 o HTS foi responsabilizado por um massacre de mais de mil pessoas da minoria alauíta, alegadamente em combates contra tropas leais a Assad, nas cidades de Latakia e Jableh. A comunidade alauíta, da qual a família Assad provém, representa cerca de 10% da população síria e se concentra na região costeira do país. Por Assad ter sua origem nesse grupo étnico, os ataques a essa comunidade foi percebido como um ato de vingança, pelas décadas de governança dessa minoria (BBC, 2025).

Assim, apesar da queda do regime sírio ter sido alcançada, o futuro do país não parece ser promissor. Os rebeldes que por hora dominam as diferentes regiões do país, como observado acima, tem interesses diversos e em alguns casos divergentes, o que dificultará a formação de um governo de coalizão. Como parte das forças que durante anos lutaram para a derrubada de Assad, esses grupos deverão requerer seu butim na governança dos territórios conquistados, o que não significa que as populações sob seu domínio alcancem a vislumbrada "liberdade" e conquistem "direitos". Inclusive, parte desses "rebeldes" eram membros do Estado Islâmico e as perspectivas de governança defendidas por esse grupo são muito mais restritivas do que o do regime de al-Assad.

Podemos avistar um cenário de desagregação e disputa territorial, semelhante ao enfrentado pela Líbia após a queda de Gaddafi, transformando a Síria em mais um Estado falido. Somado ao possível esfacelamento do território sírio na mão dos grupos rebeldes, espera-se uma nova onda de refugiados pelo Mediterrâneo e fronteiras dos países lindeiros. A Europa, que aguardava a derrubada do regime, não deve, entretanto, ser receptiva a este novo fluxo migratório, tal qual foi, a princípio, com os imigrantes ucranianos.

Além dos efeitos sobre a Rússia, com a perda de bases de apoio no Mediterrâneo e um aliado de longa data no Oriente Médio, o Irã também perde um parceiro importante, bem como, o grupo libanês Hezbollah. A Síria, através de seu território, conectava o Irã e Iraque ao Líbano, funcionando como um corredor logístico para esses aliados do Oriente Médio. Sem o território sírio, o Hezbollah estará à própria sorte, com suas forças tendo de enfrentar os atuais combates contra Israel sem acesso aos suprimentos vindos da Síria e Irã.

Como parte da reação iraniana à perda de seu aliado, o país deverá ter suas atenções redobradas para com o Iraque, reforçando suas atividades junto ao vizinho, de modo a impedir que movimentos de

desestabilização cruzem a fronteira com a síria e atinjam ambos, principalmente no que concerne às populações curdas, que podem ser influenciadas pelos avanços da SDF e encabeçar uma tentativa de criação de um Estado Curdo na região. Sem o regime sírio, o Irã também deverá reforçar seu apoio aos Houthis no Iêmen, que atualmente tem sido ativos contra alvos de Israel e dos EUA, atuando como *proxy* do governo iraniano.

Outra situação que pode ser esperada após a queda do governo na Síria é uma possível aceleração do programa nuclear iraniano. A crescente tensão com Israel e os ataques trocados entre ambos ao longo de 2024, bem como, as operações da inteligência israelense contra figuras importantes do regime de Teerã, colocaram o país em um caminho em que o fortalecimento de suas capacidades militares pode ser encarado como a única estratégia plausível de sobrevivência.

Nesse sentido, buscando uma modernização das suas forças armadas, ainda alicerçada em equipamentos oriundos dos EUA do período do governo do Xá, a aproximação do país com Rússia e China deve oferecer segurança com a entrada nos BRICS e o acesso a novos armamentos. A China tem se configurado como um comprador fiel de suas exportações de petróleo, ajudando o país a contornar sanções ocidentais. Já a Rússia, deve fornecer ao Irã os primeiros jatos de combate novos em mais de 30 anos, enviando ao país pelo menos 24 novos aviões SU-35, além de outros equipamentos no futuro (DEFENSE EXPRESS, 2024). A possibilidade de acordos para a produção local desse material ampliaria consideravelmente a indústria de defesa iraniana, bem como suas capacidades militares, tão aguardadas por suas forças armadas.

Entre esses dois atores há também um novo componente que altera substancialmente o peso do Irã nas relações com a Rússia, que foi a assinatura em 17 de janeiro de 2025 do que vem sendo chamado de Acordo de Parceria Estratégica Abrangente. Tais elementos aprofundam ainda mais os laços entre Irã, Rússia e China, uma vez que o Irã, amparado pela entrada na Organização de Cooperação de Xangai, desde 2021, vem recebendo segurança política e econômica no cenário global dessas duas potências.

Do lado dos “vencedores”, Israel é a beneficiária imediata da derrota de Bashar al-Assad, tirando um regime inimigo de cena, cortando o fluxo de ajuda ao Hezbollah e ainda enviando um poderoso recado ao Irã. Com o território libanês isolado, a incursão israelense contra o Hezbollah e Hamas será amplificada. Nos primeiros dias após a derrota de Assad, as forças armadas israelenses lançaram ataques massivos contra bases da marinha e força aérea israelense, de modo a destruir todo tipo de equipamento militar que poderia ameaçar Israel.

Além do interesse em assegurar uma área de proteção ampliada, para impedir eventuais ingressos de extremistas em seu território, a região ocupada por Israel na Síria concentra importantes nascentes de água, de onde se origina a maior parte do abastecimento israelense e parte das fontes sírias e

jordanianas. As tropas israelenses avançaram pela área além das já dominadas Colinas do Golã, ocupadas desde 1967, chegando a se posicionar à cerca de 20 quilômetros de Damasco, contrariando acordos internacionais e deixando claro sua participação no golpe ao regime sírio.

A anexação de um território de país vizinho não seria algo novo para Israel, tampouco seria considerado a pior questão para esse país no momento, que enfrenta confrontos em larga escala, que já vitimaram quase 50 mil pessoas na Faixa de Gaza. Ainda é incerto se o avanço para além das áreas já dominadas das Colinas de Golã possam se reverter em ganhos territoriais, com uma zona de ocupação permanente, mas, é certo que essa região estará sob sua influência a partir de agora.

A Turquia, outra patrocinadora direta do golpe conta Assad, também deverá obter vantagens com o episódio. O país prestou bons serviços aos aliados da OTAN, fornecendo suporte aos rebeldes do SNA e isso poderá servir como fonte de barganha para aquisição de armamentos da Grã-Bretanha e Alemanha, após ter sido expulsa do programa dos caças F-35 dos EUA por adquirir sistemas de defesa antiaéreos da Rússia. Outro interesse turco foi notado em sua bolsa de valores, com as ações de empresas de construção e fabricação de cimento tendo tido saltos expressivos na sua valorização, com a expectativa de que possam participar da reconstrução da Síria pós-Assad (SEVGILI, 2024).

A Europa, no médio prazo, pode ser outra beneficiária desse processo, a depender da estabilização da futura Síria. Um dos grandes projetos bloqueados pelo governo de Assad era a construção de dutos de petróleo e gás saindo da península arábica, diretamente para a Europa, entrando no continente pela Turquia (BANDEIRA, 2013). Esse projeto garantiria a segurança energética a custos baixos e sempre foi um dos interesses veiculados para a deposição do regime. Com o fim dos contratos de passagem de gás russos por dutos que cruzam a Ucrânia a partir de janeiro de 2025, esses interesses ficam ainda mais óbvios.

Para além disso, que fique o questionamento para o duplo padrão ocidental adotado em casos recentes. Esses “grupos rebeldes”, “insurgentes” ou qualquer outro nome que apareça na mídia, em qualquer país do ocidente ou seus aliados imediatos, seriam classificados como “terroristas”.

Outra questão quanto ao *standart* do ocidente é sobre a liberdade e democracia patrocinada via “*Freedon Fighters*”. Tal expediente foi usado outras vezes, como no Afeganistão, nos anos 1980, e o resultado, além da expulsão dos soviéticos, foi a formação de um dos governos mais opressivos do mundo, comandado pelos Talibãs, acusado também de apoiar os terroristas da Al Qaeda e de prover guarida para Osama Bin Laden. Deve-se observar ainda que tais grupos de “libertadores” parecem não ter interesse algum em países que possuem regimes autoritários e são aliados dos EUA e Europa, como Jordânia, Arábia Saudita ou outros exportadores de petróleo do Golfo Pérsico.

O futuro reservado à Síria nas mídias ocidentais tende a ser o mesmo de que Líbia e Afeganistão. No primeiro, a derrota de Gaddafi e seu regime, bastante comemorado no ocidente levou a uma ruptura da unidade do país, sem que até o momento, as promessas de liberdade e democracia nos moldes ocidentais tenha sequer sido vislumbrada pela população, estando, sem dúvidas, em condições piores do que quando eram oprimidas pelas forças do Coronel líbio. No Afeganistão, após 20 anos de intervenção dos EUA, a rápida retirada das forças desse país devolveu o controle do estado afegão ao Talibã.

Por fim, apontamos que aos poucos, ambos os casos desapareceram dos noticiários, substituídos por questões mais relevantes do mundo contemporâneo e que, atualmente, poucas notícias a respeito dos Estados fracassados que se tornaram esses países após as intervenções ocidentais se transformaram. Assim, aparentemente, esse pode ser também o futuro reservado para a Síria, da celebrada derrubada de um regime opressor e inimigo do ocidente, a um país esquecido pela mídia mundial, vitimado por interesses externos e em que sua população vive à mercê de seus "libertadores".

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. A. M. **A Segunda Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

BBC. "Quem são os alauítas, alvos de massacre na Síria". **BBC** [2025]. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso em: 20/03/2025.

BENDER, J. "Saudi Arabia just replenished Syrian rebels with one of the most effective weapons against the Assad regime". **Busines Insider** [2015]. Disponível em: <www.businessinsider.com>. Acesso em: 27/12/2024.

BRZEZINSKI, Z. **Strategic Vision**: America and the Crisis of Global Power. New York: Basic Books, 2012.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard**: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997.

DEFENSE EXPRESS. "Not Just Su-35 Aircraft, russia Also Gave iran the License to Manufacture Them Locally". **Defense Express** [2024]. Disponível em: <www.defence-ua.com>. Acesso em: 10/01/2025.

ISW - Institute for the Study of War. "Iran Update, January 20, 2025". **ISW** [2025]. Disponível em: <www.understandingwar.org>. Acesso em: 21/01/2025.

ISW - Institute for the Study of War. "Iran Update, March 24, 2025". **ISW** [2025]. Disponível em: <www.understandingwar.org>. Acesso em: 21/01/2025.

KORYBKO, A. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.

SEVGILI, C. “Turkish construction companies rally on expectations of Syria rebuild boost”. **Reuters** [2024]. Disponível em: <www.reuters.com>. Acesso em: 03/01/2025.

SHARP, G. **From Dictatorship to Democracy**: A Conceptual Framework for Liberation. New York: New Press, 2012.

SIPRI - Stockholm International Peace Research Institute. “Arms Transfers Database”. **SIPRI** [2025]. Disponível em: <www.sipri.org>. Acesso em: 10/01/2025.

TEIXEIRA, V. M. **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 21 | Nº 63 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima